

# Processos pedagógicos na formação em Artes Visuais

Pedagogical processes in training in  
Visual Arts

Procesos pedagógicos en la formación  
en Artes Visuales

**Maria Betânia e Silva<sup>1</sup>**

1 Doutora em Educação pela UFMG. Mestre em Educação pela UFPE. Graduada em Artes Plásticas pela UFPE. Graduanda em Filosofia pela UFPE. Professora da Graduação e do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE/UFPB. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0531466233320912> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2149-8982>, e-mail: [mbspvgav@gmail.com](mailto:mbspvgav@gmail.com)

**RESUMO**

O processo investigativo visou penetrar no antes, durante e depois das ações na docência voltadas ao estudo de metodologias de ensino das Artes Visuais, na Licenciatura, em uma instituição de Ensino Superior pública, da rede federal de educação brasileira. A pesquisa ocorreu no primeiro semestre de 2023. Utilizou o método cartográfico de investigação e documentos como plano de aula, observações *in loco*, registro de práticas artísticas, narrativas de estudantes, fotografias de experiências vivenciadas ao longo do período. O corpo, os sentidos, as emoções, os afetos, as narrativas de si, a experiência, a inclusão e o bullying foram temáticas estudadas junto às vivências materializadas em produções artísticas. Refletir sobre estratégias de ensino, desenvolver o diálogo e escuta, extrair o máximo das vivências sem perder autenticidade e criatividade foram alguns dos elementos destacados pelos estudantes nos processos de aprendizagem.

**PALAVRAS-CHAVE**

Metodologias de ensino; Produções artísticas; Licenciatura; Artes Visuais.

**ABSTRACT**

The investigative process aimed to penetrate the before, during and after the teaching actions aimed at studying Visual Arts teaching methodologies, in the Degree in a public Higher education institution, within the Brazilian federal education network. The research took place in the first half of 2023. Used the cartographic method of investigation and documents such as lesson plans, on-site observations, records of artistic practices, student narratives, photographs of experiences throughout the period. The body, senses, emotions, affections, self-narratives, experience, inclusion and bullying were themes studied alongside experiences materialized in artistic productions. Reflecting on teaching strategies, developing dialogue and listening, extracting the most from experiences without losing authenticity and creativity were some of the elements highlighted by students in the processes.

**KEY-WORDS**

Teaching methodologies; Artistic productions; Graduation; Visual Arts.

## **RESUMEN**

El proceso investigativo tuvo como objetivo penetrar en el antes, durante y después de las acciones decenas destinadas al estudio de metodologías de enseñanza de Artes Visuales, en la Licenciatura en una institución pública de Educación Superior, dentro de la red educativa federal brasileña. La investigación se desarrolló en el primer semestre de 2023. Se utilizó el método de investigación cartográfico y documentos como planes de lecciones, observaciones de sitio, registros de prácticas artísticas, narrativas de estudiantes, fotografías de experiencias a lo largo del período. El cuerpo, los sentidos, las emociones, los afectos, las autonarrativas, la vivencia, la inclusión y el bullying fueron temas estudiados junto a vivencias materializadas en producciones artísticas. Reflexionar sobre las estrategias de enseñanza, desarrollar el diálogo y la escucha, extraer el máximo provecho de las experiencias sin perder autenticidad y creatividad fueron algunos de los elementos destacados por los estudiantes en los procesos de aprendizaje.

## **PALABRAS-CLAVE**

Metodologías de enseñanza; Producciones artísticas; Graduación; Artes Visuales.

## Introdução

O retorno às atividades presenciais pós-pandemia do Covid-19 trouxe consigo algumas mudanças nas relações interpessoais, especialmente, em sala de aula. Dificuldades de interação, de superação dos próprios limites, de realização de atividades em grupo, silenciamentos, excesso de ansiedade e síndromes, apatia e ou indiferença, em algumas situações, foram aspectos que vieram à tona com toda força. Diante disso, repensar a docência tornou-se ainda mais um exercício cotidiano intenso.

Como construir encontros de formação em Artes Visuais que colaborem e promovam o encantamento com e pela vida; que façam brotar o desejo interior de fazer o melhor que se pode a cada dia; que possam (re)acender a esperança na busca pela transformação individual e coletiva através da arte? De que forma conteúdos programáticos no campo das metodologias de ensino, na Licenciatura em Artes Visuais, podem tornar-se significativos e estimular os estudantes a quererem estar presentes e participarem ativamente em todos os encontros de um semestre letivo? A sala de aula pode ser um laboratório contínuo de pesquisa e a escrita da investigação na própria docência pode ser compreendida como pesquisa científico/artística ou apenas como relato de experiência?

Paulo Freire (1996, p.23) já havia dito, ao tratar sobre saberes fundamentais à prática educativo-crítica ou progressista, “quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se ao ser formado”. A partir, então, da perspectiva de compreensão apresentada por Freire (1996, p.22) que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção ou construção”, o processo investigativo visou penetrar no antes, durante e depois das ações na docência voltadas ao estudo de metodologias de ensino das Artes Visuais, na Licenciatura.

A pesquisa ocorreu no primeiro semestre de 2023 em uma instituição de Ensino Superior pública brasileira, utilizou o método cartográfico de investigação e os seguintes documentos: plano de aula, observações *in loco*, registro de práticas artísticas, narrativas de estudantes<sup>2</sup>, fotografias de experiências vivenciadas ao longo do período.

Assim, o texto está organizado em duas partes que nomeamos de bastidores, ações e reações. Na primeira parte trazemos o processo prévio de preparação e organização da investigação e seus possíveis desdobramentos. Na segunda, apresentamos as experiências de ensino/aprendizagem e as múltiplas reflexões tecidas durante o processo.

---

2 Todos os depoimentos estão identificados pelas letras maiúsculas iniciais dos nomes dos/as estudantes para preservar suas identidades.

## Bastidores

A configuração do planejamento pedagógico de um componente curricular pressupõe alguns elementos básicos estruturantes que possuem o papel organizador da ação pedagógica. Evidentemente, que esta organização prévia serve como fio condutor do trabalho e o termômetro do ambiente poderá provocar mudanças e alterações ao longo do percurso. Assim, entender os pontos essenciais de um componente, os objetivos centrais, selecionar temas e textos, estabelecer formas e critérios de avaliação, organizar os conteúdos para cada encontro, pensar metodologias de ensino e práticas artísticas, dentro do tempo específico que se tem, são alguns dos processos anteriores de preparação indispensáveis no trabalho docente.

É preciso frisar aqui, que apresentamos uma investigação vivenciada com estudantes em formação para a docência em Artes Visuais em uma instituição de Ensino Superior pública, da rede federal de educação brasileira.

O estudo se vale da cartografia “como método de pesquisa que é o traçado do plano da experiência, acompanhando os efeitos do próprio percurso da investigação” (Passos; Barros, 2012, p.18). Estar junto e participar do que acontece no grupo possibilita conhecer com a cognição ampliada e aberta ao plano dos afetos. Nele, o lugar vai sendo explorado por olhares, escutas, sensibilidade, etc. Mas, que lugar é esse? Como o (re)conhecemos e o significamos?

Um lugar não nos chega pronto, não tem existência por si mesmo, mas vamos construindo nossas imagens e nossas ideias acerca deste lugar e é com elas que nós o pensamos e nele agimos. É em grande medida a partir das ideias e imagens que temos dos diversos lugares que construímos o conceito de lugar. (...) A construção da ideia e da imagem de um lugar é resultante das inúmeras práticas sociais e discursivas que nele se desenvolvem ou a ele se referem. Cada indivíduo e cada grupo social criam uma versão de um lugar. (Oliveira Jr., 2011, p.14).

O ambiente físico de uma sala de aula, aparentemente e imediatamente, é identificado de forma simples como uma sala que possui cadeiras enfileiradas, a mesa do/a docente, um quadro, um lixeiro. Esse pode até ser considerado o padrão vigente das inúmeras práticas sociais e discursivas sobre a escola, mas existem muitas formas distintas que podem ser lugares de ensino/aprendizagem escolar e não escolar. Como diria Acaso (2012, p.13, tradução nossa) ao tratar o currículo oculto, “existem forças invisíveis que parecem ter maior importância que as visíveis e que utilizam a linguagem visual como principal ferramenta na hora de transmitir conteúdos na sala de aula e no resto dos contextos em que a aprendizagem acontece<sup>3</sup>”.

Os encontros do semestre se passaram, prioritariamente, no Centro Cultural Benfica, em uma sala que não possui o padrão descrito anteriormente. O movimento

---

3 “(...) existen unas fuerzas invisibles, que parecen tener mayor importancia que las visibles y que utilizan el lenguaje visual como principal herramienta a la hora de transmitir contenidos en el resto de contextos donde el aprendizaje sucede”.

foi um elemento presente durante as 60 horas dos encontros que ali ocorreram.

A estruturação do plano de aula teve como base, temáticas contemporâneas complexas, que borbulham por espaços de discussão e diálogo, e que têm sido largamente exploradas em redes sociais como o corpo, os sentidos, as emoções, os afetos, as narrativas de si, a experiência, a inclusão, o *bullying*.

O desafio inicial foi pensar possibilidades que pudessem refletir a partir de estudos desenvolvidos sobre os temas; criar estratégias convidativas de participação coletiva nos debates; provocar o exercício de práticas artísticas, com o limite de materiais, que historicamente o componente curricular da Arte enfrenta nas instituições escolares da Educação Básica.

## Ações e reações

A partir da apresentação do plano e do acordo didático firmado com os/as estudantes, uma dinâmica foi desenvolvida com o intuito de aproximação e estabelecimento dos vínculos interpessoais. Selecionamos características humanas e, em círculo, foi fixada uma palavra aleatória nas costas de cada estudante. Algumas podem ser visualizadas abaixo.



Fig.1. Autor, *Dinâmica de qualidades*, 2023. Acervo pessoal.

Somente o colega que estava atrás podia visualizar a escrita. Então, este/a iria elaborar alguma obra que representasse aquela palavra e iria presentear ao possuidor daquela característica. Ao finalizarmos a ação, no momento da socialização e apresentação coletiva, houve uma grande surpresa por parte dos estudantes que se compreenderam possuidores ou tinham como meta atingir aquelas características

que lhes tinham sido afixadas aleatoriamente, além de nunca haverem pensado na importância de tais características e que as mesmas podiam ser utilizadas como dispositivos em uma aula de arte. Os estudantes se surpreenderam ao observar o cuidado como cada um havia elaborado frases, poesias, desenhos, pinturas para presentear seu colega.

Um comentário relatado por uma estudante diz o seguinte:

[...] aprendi novas formas de mediar uma aula de artes, como trazer a realidade do aluno pra dentro de sala de aula e fazer com que ele explore e se autoconheça a partir da arte, trabalhar sentimentos ou palavras do dia a dia e transformar em uma aula espetacular e acolhedora, aprender a ver e olhar de outra forma para as coisas, palavras, pessoas, objetos e transformar tudo isso em aula de arte (Depoimento de L.M., 2023).

Esse ponto de partida estabeleceu a temperatura aquecida que se manteve até o fim do semestre. Estudamos alguns métodos e seus principais objetivos que compõem a história do ensino com o foco de compreender, ao longo do tempo, como a escola foi se configurando e suas práticas pedagógicas sendo estruturadas e (re) configuradas. Desse modo, o método individual, o mútuo, o intuitivo, o simultâneo, o tradicional, o escolanovista e o tecnicista fizeram parte dos debates. Incluímos ainda a abordagem triangular, a cultura visual, a estética do cotidiano para refletir sobre proposições mais recentes acerca do ensino de arte.

Freire (1996, p.88) nos diz que o bom clima pedagógico-democrático é aquele que o educando vai aprendendo à custa de sua prática mesma, que sua curiosidade como sua liberdade devem estar sujeitas a limites, mas em permanente exercício. Limites eticamente assumidos por ele. O autor ainda salienta que é fundamental que professor e alunos saibam que suas posturas são dialógicas, abertas, curiosas, indagadoras e não apassivadas enquanto falam ou ouvem. “O exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou achado de sua razão de ser”.

Os estudantes foram convidados, em grupo, a produzirem uma zine a partir das discussões construídas no coletivo que resultaram em algumas das imagens adiante.



Fig.2. Autor, Trabalho coletivo, Métodos, 2023. Zines, acervo pessoal.

Na temática sobre o corpo, o texto (Per)formações de um desenho incorporado das autoras Bemvenuto; Oliveira (2019), nos ajudou a problematizar o corpo como matéria sensível, caminho para o gesto no desenho, lugar privilegiado de experimentação e ponto de partida para avistarmos o mundo.

Muitos questionamentos foram provocadores de reflexão. Como coabitar neste espaço? Podemos ocupar o lugar do outro? Que território podemos construir juntos? O corpo diz quem eu sou? Por quê? É possível ver com as mãos? Como se enxerga com a pele?

Alguns conflitos emergiram no grupo por estudantes que se sentiram incomodados com as questões de fronteira e o diálogo foi ampliado sobre o que seria ocupação e invasão. Entender que os posicionamentos podem ser divergentes foi fundamental para a compreensão do respeito ao pensamento do outro, ao mesmo tempo, da necessidade de ampliação do entendimento da pluralidade humana.

Assim registrou uma estudante:

Chegamos a um ponto valioso do debate, como coabitar no espaço? A leitura do texto e a roda de conversa me fizeram refletir sobre individualidades, mas também a questão coletiva, trazendo esse pensamento para o âmbito social. Em que a escola será um espaço de coabitação, onde os alunos terão que conviver com diferentes ideias, posicionamentos e aprendizagens. Respeitando o espaço individual de cada estudante, mas compreendendo a importância de ocupar o seu lugar de estudante tanto na vida individual como coletiva, trabalhando em grupo para um objetivo maior que é a aprendizagem. Essa aula me marcou muito, pois esse conflito me fez ter olhos mais atentos a questões maiores e pude, claramente, relacionar à vida pedagógica e como isso tem potencial de ser trabalhado em sala de aula. (Depoimento de M.S., 2023).



Os estudantes se organizaram em grupos e um exercício artístico foi proposto de forma que o corpo de cada um estivesse presente no suporte bidimensional. A criação consistiu no resultado das discussões tecidas no grupo para elaboração da proposta que foi, posteriormente, socializada no coletivo. O material disponível foi papel Craft, giz escolar colorido, guache e lápis que resultaram nos painéis a seguir.



Fig.3. Autor, *Trabalho coletivo em processo*, 2023. Técnica Mista, acervo pessoal.



Fig.4. Autor, *Trabalho coletivo, Co-habitar*, 2023. Técnica Mista, acervo pessoal.

Palavras como vivências, habitar, cativar, pertencer, preencher, sentir, ecoar, consumir tempo, estabelecer ligações, surgiram nos diálogos e significados durante o exercício artístico elaborado por vários estudantes, em cada grupo, em um mesmo espaço limitado, com os materiais disponíveis. Mas, esses fatores que, inicialmente, pareciam ser barreiras de aproximação e resolução de problemas, serviram com

trampolins para desenvolver o respeito ao outro e se permitir construir intercruzamentos e novos territórios de coabitação.

Partimos para o tema da experiência e nesse quesito o texto de Wosniak; Lampert (2016) contribuiu para a conversa sobre o fazer, o conhecimento e a expressão, bem como a experiência estética ligada ao ato criador, a prática artística como esforço multidisciplinar e o objeto artístico que pode trazer consigo dimensões políticas, discursivas e pedagógicas. Como a arte ajuda a viver melhor a vida cotidiana? Por que a experiência estética é responsável por ampliar e aprimorar as inquietações humanas? Foram questões que se somaram ao diálogo.

Tourinho (2002) tocou em um ponto crucial atribuído como estereótipo comum no ensino da arte que é a expressão de sentimentos e emoções, outra temática abordada com os estudantes. Sua reflexão elenca riscos que essa ideia pode trazer para a redução do entendimento da arte, seu papel, função, lugar social. A autora ressalta que a arte provoca pensamentos que podem ou não desembocar em sentimentos. É preciso considerar público, contexto, experiências, condições de produção, exibição e percepção. Sentimentos e emoções são construídos socialmente e historicamente e focos parciais para apreciação e análise da arte e experiência artística. Além disso, são mutáveis e culturalmente diversos. Nesse sentido, a pós-modernidade complica e implode a ideia de arte como expressão e expande os termos temáticos e interpretativos.

Pudemos visitar com os estudantes a exposição de pintura que estava sendo realizada no Instituto de Arte Contemporânea, equipamento cultural pertencente à UFPE e dentro do mesmo Espaço Cultural Benfica onde os encontros aconteceram. Nela vários dos/as estudantes estavam participando com trabalhos desenvolvidos no laboratório de pintura, outro componente curricular do curso, e os/as próprios estudantes foram convidados a mediar a exposição para o restante da turma.



Fig.5. Autor, *Mediação coletiva*, 2023. Fotografia, acervo pessoal.

Para além da polémica do sentido comum de entendimento da arte como expressão de sentimentos, os afetos pulsaram de forma latente como tema a ser trabalhado em aula. Compreendê-los como potência a ser explorada na educação e no poder do indivíduo afetar e ser afetado, Cykman (2021) colaborou na ampliação do debate e elaboração de outras questões. Assim, o que quer dizer autenticidade do educador? Em que consiste ouvir o outro? É necessário ouvir a si mesmo? Como se faz isso? O que significa dizer que é por afeto que nascem as ideias?

Somada a essa discussão trouxemos Berger (2014) para pensarmos sobre a pesquisa poética em Artes Visuais. O texto estimulou outros questionamentos que se expandiram para refletir sobre os sentidos além do que nos é visível e se todas as decisões na elaboração artística permanecem no domínio da intuição, como afirma a autora.

Propusemos a cada estudante construir um fantoche em casa, sem entrar em contato com os demais colegas. A ideia foi manter a surpresa com os personagens que surgiriam de cada um/a e colocá-los em diálogo na elaboração de estórias, que seriam produzidas em grupos e contemplasse o tema das emoções. Posteriormente, as estórias foram apresentadas para a turma em teatro de fantoches. Uma estudante, após a experiência disse o seguinte: “descobrimos como nossas emoções podem impactar o processo de ensino aprendizagem, criando conexões mais significativas” (Depoimento de L.M, 2023).

Outra também relatou

[...] acredito fortemente na potência das relações e das trocas que fazemos durante nossa caminhada como seres, essas trocas mesmo que passageiras, nos marcam e nos constroem e nas aulas de metodologia pude sentir um grande barulho de construção em mim, quase como um “cuidado, trecho em obras” (Depoimento de L.S., 2023).

O distanciamento que no início do semestre havia se feito presente, já parecia ter desaparecido e na apresentação dos teatros de fantoche pudemos perceber a alegria dos/as estudantes em assistir seus colegas e a multiplicidade de estórias criadas naquele momento.



Fig.6. Autor, *Trabalho coletivo, Emoções*, 2023. Fantoche, acervo pessoal.



Fig.7. Autor, *Trabalho coletivo, Individualidade na coletividade*, 2023. Fantoche, acervo pessoal.

Na sequência demos continuidade às leituras e proposições pedagógicas. Com o tema dos afetos, além de Cykman (2021) trouxemos Schmidlin; Menezes; Ribeiro (2021) com o texto *Paisagens pedagógicas: uma pesquisa com professores de Artes Visuais* que intenciona trazer elementos estatísticos de anseios, desejos e modos de docência. A partir dele, surgiram algumas perguntas que alimentaram o debate. Diante das dificuldades de espaço e material para a experiência artística como o professor de Artes Visuais pode estimular seus estudantes? Que ausências podem ser percebidas na escola? Que presenças podem ser percebidas na escola?

O grupo foi convidado a fazer uma colagem com um brinquedo de infância e narrar a relação afetiva com ele. Ao final do processo, alguns trouxeram exemplos dos significados que aqueles brinquedos possuíam, da tristeza em perdê-los, da segurança que sentiam ou do exercício de desapego feito ao perceber seus processos pessoais de crescimento.

Alguns dos trabalhos podem ser visualizados a seguir.



Fig.8. Autor, *Trabalho coletivo, Brinquedos de infância*, 2023. Colagem, acervo pessoal.

Debatemos ainda sobre as narrativas de si, a inclusão, o *bullying*. Pimentel (2017), Costa; Araújo Júnior (2018), Gross; Nogueira (2016), Gabriel; Martins (2020), respectivamente, se somaram aos debates para pensarmos juntos sobre: que experiências artísticas mais significativas tivemos em nossas trajetórias? Que percepções se destacaram para cada um/a ao fruir arte? Que contextos ressaltamos de obras e ou experiências artísticas que nos marcaram? Que atividades de inclusão podem ser desenvolvidas nas aulas de artes visuais? Quais experiências inclusivas cada um já vivenciou? O que significa igualdade na diferença? O que quer dizer estar cego da mão?

Todo esse debate provocou outros processos artísticos, seja no exercício da *assemblage*, seja na escrita de cartas anônimas para si mesmo, que após sua elaboração foram inseridas em uma caixa e cada um retirou aleatoriamente uma para ler no grupo. Algumas imagens são apresentadas na sequência.

Ao longo do semestre, os dias trouxeram consigo intensos momentos de atenção, respeito, escuta e construção coesa do grupo.



Fig.9. Autor, *Experiência, Cartas para si*, 2023. Assemblage e escrita. Acervo pessoal.

Tivemos a possibilidade ainda de visitar a Usina de Arte que contém 33 hectares de extensão e comporta também um parque botânico. Ela fica localizada no município de Água Preta, cerca de 130 km de distância da capital pernambucana. Lá tivemos a possibilidade de apreciar obras de arte contemporânea distribuídas ao longo do percurso e integradas à natureza. Reunimos duas turmas do curso de Artes Visuais, a de metodologia do ensino e a de estágio curricular.



Fig.10. Autor, *Visita à Usina de Arte*, 2023. Fotografia, acervo pessoal.

No final do semestre fizemos uma avaliação das experiências vivenciadas e os estudantes relataram alguns de seus processos de aprendizagem que concluem esse texto.

Ao longo de toda disciplina, pude aprender sobre vários métodos e processos de ensino-aprendizagem voltados ao campo da arte. Foi uma disciplina muito enriquecedora que me abriu os olhos para não só o método, mas também compreender mais a fundo sobre as relações professor-aluno. Foi um processo afetivo de ensino, onde a aprendizagem não foi distante, trouxe diversas discussões para entender a arte e trabalhar questões sociais e pessoais do ser humano, um olhar de preocupação não só conteudista, mas muito linda com as vivências e desafios dos alunos (Depoimento de M.B. 2023).

Nunca gostei de metodologias, me sentia muito presa e me cobrando pra seguir algo à risca e nessa cadeira vi que essas metodologias, estudar quem já falou sobre, ler quem já fez, interpretar de formas diferentes, só liberta mais a gente na hora de planejar uma aula a partir de uma metodologia. É bom demais ver que tem gente que faz o que acredita e o que fala (Depoimento de L.M., 2023).

Consegui reafirmar o porquê escolhi Licenciatura em Artes Visuais. Desconstruí muito a ideia padrão que até hoje eu carreguei. Permitiu que todos da turma, desde o início da disciplina, fossem protagonistas dentro da sala de aula. Trouxe de forma realista as dificuldades que vamos encontrar na nossa área. Depositou coragem e confiança, além de nos mostrar na prática o que é falar, ouvir e escutar. Que o afeto dentro da educação é importante. Que não é sobre romantizar, é sobre o que não podemos deixar de tratar em sala de aula. Difícil responder o que aprendi nesse componente curricular porque eu não me permiti ficar sem ler os textos que foram indicados à leitura, além de não negar viver as experiências dentro da sala de aula. Então, tive uma overdose de aprendizados. Li atrasada? Sim, mas li todos. Ainda não entendi o que de fato mudou em mim após todas as discussões, pensamentos, desdobramentos e fugas das ideias padrões que cresci consumindo sobre educação, artes e o olhar para a arte. (Depoimento de B.L., 2023).

A educação muitas vezes não será uma escolha fácil, seja viver dela ou com ela. Cada um carrega inseguranças e expectativas na docência em artes. Em minha trajetória até chegar aqui, me questionei e fui questionada tantas vezes pelo “perfil ideal” do que é ser professor e na disciplina de metodologia 2 também discutimos percalços no caminho. Entretanto, é importante ressaltar que nesse processo fomos afetados por um “esperançar” graças ao acolhimento e escuta que tornou o semestre um aprendizado proveitoso para além das paredes acadêmicas (Depoimento de L.G., 2023).

Finalizando com Freire (1996), quando trata sobre o ensinar que exige consciência do inacabamento, podemos reafirmar que a docência sempre se renova quando nos compreendemos inconclusos. O autor anuncia que as coisas podem até piorar, mas também é possível intervir para melhorá-las e continua dizendo:

(...) gosto de ser gente porque sei que minha passagem pelo mundo não é predeterminada, preestabelecida. Que o meu destino não é um dado, mas algo que precisa ser feito e de cuja responsabilidade não posso me eximir. Gosto de ser gente porque a História em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades e não de determinismo. Daí que insista tanto na problematização do futuro e recuse sua inexorabilidade (Freire, 1996, p.53).

## Referências

ACASO, María. **Pedagogías invisibles: el espacio del aula como discurso**. Madrid: Catarata, 2012.

BEMVENUTO, Virna da Silva; OLIVEIRA, Letícia C. da S. (Per)formações de um desenho incorporado. **Revista Artes de Educar**. Rio de Janeiro, v.5, n.3, p.726-735, set-dez, 2019.

BERGER, Bruna. Tracejando esboços e palavras na pesquisa poética. **DAPesquisa**, v.9, n.12, p.1-13, dez, 2014.

COSTA, Robson Xavier da; ARAÚJO JÚNIOR, Aarão Pereira de. Artes Visuais & Inclusão: maquetes táteis de obras de arte a baixo custo. **Revista Gearte**. Porto Alegre, v.5, n.1, p.145-157, jan-abr, 2018.

CYKMAN, Noa. Educação com sentido: reflexões sobre o afeto em sala de aula. **Revista Artes de Educar**. Rio de Janeiro, v.7, n.2, p.1079-1096, mai-ago, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 31ª edição.

GABRIEL, Gilcimara Juliana; MARTINS, Raul Aragão. Contribuições do ensino de arte para a prevenção da violência bullying. *Colloquium Humanarum*. **Presidente Prudente**, v.17, p.1-12, jan-dez, 2020.

GROSS, Leila; NOGUEIRA, Monique Andries. Ensino da Arte e Inclusão: relatos de alunos com deficiência visual em aulas de Artes Visuais no Colégio Pedro II. **Educação, Artes e Inclusão**, v.12, n.3, p.33-59, 2016.

OLIVEIRA JÚNIOR, Wenceslao. Fotografias e conhecimentos do lugar onde se vive: linguagem fotográfica e atlas municipais escolares. In: ALMEIDA, Rosângela Doin de (Org.). **Novos rumos da cartografia escolar: currículo linguagem e tecnologia**. São Paulo: Contexto, 2011, p.13-36.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Lílíana da (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2012, p.17-31.



PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. Abordagem triangular e as narrativas de si: autobiografia e aprendizagem em arte. **Revista Gearte**. Porto Alegre, v.4, n.2, p.307-316, mai-ago, 2017.

SCHMIDLIN, Elaine; MENEZES, Rafael Nunes; RIBEIRO, Cibele da Silva. Paisagens pedagógicas: uma pesquisa com professores de Artes Visuais. **Revista Digital do LAV**. Santa Maria, v.14, n.1, p.121-137, jan-abr, 2021.

TOURINHO, Irene. Emoções e sentimentos: polêmicas sobre o ensino de arte. **Comunicação & Educação**. São Paulo, n.25, p.36-44, set-dez, 2002.

WOSNIAK, Fábio; LAMPERT, Jocielle. Arte como experiência: ensino/aprendizagem em Artes Visuais. **Revista Gearte**. Porto Alegre, v.3, n.2, p.258-273, mai-ago, 2016.

**Submissão: 10/10/2023**

**Aprovação: 09/11/2023**